Vida Acadêmica

Os Nossos Mortos

TOMÁS POMPEU SOBRINHO

Prestamos nossa homenagem especial à memória digníssima do Dr. Tomás Pompeu de Sousa Brasil Sobrinho, Presidente Honorário da Academia Cearense de Letras.

Era filho de Antônio Pompeu de Sousa Brasil e Ambrosina Pompeu de Sousa Brasil.

Fortalezense, nasceu a 16 de novembro de 1880.

Pompeu Sobrinho configurava o sábio do mais extraordinário valor cultural.

Formou-se em Engenharia pela Escola de Minas de Ouro Preto, em Minas Gerais.

Geólogo, etnólogo, geógrafo, historiador, sociólogo, foi Tomás Pompeu merecedor do respeito e confiança do Nordeste mental.

Além de vastíssimo acervo de monografias, artigos ricos em pesquisa e estatística, publicou: *O Problema das Secas no Ceará,* 1946; *A Indústria Pastoril no Ceará,* 1917; *Esboço Fisiográfico do Ceará,* 1922; *Fatores Geográficos da Autonomia Nacional,* 1927; *Retrato do Brasil (Pequenos Retoques),* 1930; *Parêntese Geográfico,* 1932; *Proto-História Cearense,* 1946; *Pré-História Cearense,* 1955; *História das Secas no Ceará,* 1957.

Foi Presidente Perpétuo, também, do Instituto do Ceará, e ocupava, nesta Academia, a cadeira n.º 6, cujo patrono é Antônio Pompeu.

Faleceu em 9 de novembro de 1967, nesta capital, com a idade de 87 anos.

SIDNEY NETO

No dia 31 de dezembro de 1972, faleceu na Casa do Estudante, onde residia, o poeta José Vicente Sidney Neto, literariamente Sidney Neto, nascido em Fortaleza, no dia 16 de setembro de 1893.

Filho de Joaquim Ferreira dos Santos e de D. Josefa da Trindade Sidney dos Santos, foi tipógrafo e, mais tarde, Inspetor Escolar.

Estreando em livro com *A Noite Coroada de Rosas e de Mirtos,* em 1921, seus versos se coloriam de fortes acentos simbolistas.

Em 1927, entretanto, abraça o Modernismo e publica, de parceria com Jáder de Carvalho, Franklin Nascimento e Mozart Firmeza, *O Canto Novo da Raça,* primeira manifestação da nova escola entre nós.

Contudo, a leitura de seus livros posteriores nos mostra um poeta absolutamente independente, infenso a qualquer tipo de ortodoxia literária, oscilando entre o verso parnasiano e o poema modernista, com notas simbolistas ou mesmo românticas.

Além daqueles dois primeiros livros, publicou: *Poemas Heróicos* — 1.ª série (1935), *Baladas, Sonetos e Trovas* (1937), *Poemas Indianistas do Brasil Virgem* (1940), *Sob o Meigo e Trágico Luar de Verona* (1940), *Os Camponeses* (1946), *Altar* (1947), *Poemas Heróicos* — 2.ª série (1951), *Criança, Amor!* (1956), *Paisagens Brasileiras* (1957), e *Oração da Hora Última* (1959), deixando inédito um livro que intitulara de *Cântico Absoluto.*

Era membro da Academia Cearense de Letras, onde ocupava a Cadeira n.º 1, cujo patrono é Adolfo Caminha.

Com sua morte, podemos dizer que desapareceu nosso derradeiro poeta boêmio. Seu nome jamais poderá ser esquecido quando se trate de fazer o levantamento de nossa evolução poética, notadamente no tocante ao movimento modernista, do qual, como dissemos, foi um dos pioneiros, não obstante sua formação clássica e sua independência literária.

S. de A.

MENESES PIMENTEL

Francisco de Meneses Pimentel era natural de Santa Quitéria, deste Estado, onde nasceu a 12 de setembro de 1887. Filho de José Balbino Ferreira Pimentel e Clara Meneses Pimentel. De origem modesta, fez-se por si, pela dignidade e o esforço chegando a fundar, em Pacoti, o Colégio São Luís, que transportou, anos depois, para Fortaleza, estabelecendo-se na Av. do Imperador, esquina com Liberato Barroso.

Dedicou-se ao magistério superior, alcançando, por concurso, a cadeira de Direito Romano, na Faculdade de Direito do Ceará, da qual foi Diretor.

Presidente constitucional e a seguir Interventor Federal do Ceará, na ditadura getuliana, e depois Senador da República.

Membro da Academia Cearense de Letras, ocupava a cadeira n.º 38, que tem como patrono Tibúrcio Rodrigues.

Faleceu a 18 de maio de 1973, na cidade do Rio de Janeiro.

Meneses Pimentel era portador das seguintes comendas: "Grã Cruz da Ordem do Mérito"; "Cruzada Tradicionalista Brasileira"; "Isabel — a Redentora", e "Soberana Ordem dos Cavaleiros de São Paulo".

FERNANDES TÁVORA

Manuel do Nascimento Fernandes Távora era filho de Joaquim Antônio do Nascimento e Clara Fernandes Távora do Nascimento.

Nasceu na cidade de Jaguaribe, deste Estado, na fazenda "Embargo", a 21 de março de 1877.

Foi político de alto valor, Deputado Estadual, Interventor Federal no Ceará, Senador da República.

Homem de feição moral invejável, seu comportamento como cidadão e homem público, toda sua vida foi de ação e devotamento às causas justas pelas quais se bateu. Nas lides jornalísticas, sempre se houve com desassombro e dignidade.

Era orador eloqüente e doutrinário. Compunha seus discursos em fino lavor literário.

Deu publicidade escrita a muitas de suas peças oratórias, grande parte delas em torno do problema das secas no Nordeste.

Foi membro do Instituto do Ceará e da Academia Cearense de Letras, ocupando nesta a Cadeira n.º 8, cujo patrono é Domingos Olímpio. O senador Távora faleceu na Casa de Saúde S. Raimundo desta Capital a 29 de setembro de 1973, quase centenário. Mesmo com a fraqueza da idade, colocava-se no número dos acadêmicos assíduos às sessões.

Está sepultado no Cemitério de S. João Batista, em Fortaleza.

CRUZ FILHO

Nascido no dia 16 de outubro de 1884, na cidade de Canindé, faleceu em Fortaleza, no dia 29 de agosto de 1974, o poeta, historiador, ensaísta e contista José da Cruz Filho, literariamente Cruz Filho.

Tendo feito os primeiros estudos no Colégio Santo Antônio, dos padres capuchinhos, na sua cidade natal, logo mais seria professor no mesmo estabelecimento de ensino. Não

chegou entretanto a cursar escola superior, o que não o impediu de obter sólida cultura, através de longo convívio com os mestres da Literatura Universal.

Cruz Filho exerceu as funções de Inspetor Escolar Regional, Oficial de Gabinete da Presidência do Estado (ao tempo de Justiniano de Serpa), Diretor-Geral da Secretaria do Interior e da Justiça e Diretor da Hospedaria Getúlio Vargas, tendo sido ainda professor de Português e Literatura no Liceu do Ceará e Secretário da Faculdade de Direito da Universidade Federal do Ceará, cargo em que se aposentou.

Fundou, em 1903, com Tomás Barbosa e Augusto Rocha, *O Canindé,* primeiro jornal da cidade, sendo mais tarde um dos principais redatores d'*A Imprensa,* também de Canindé.

Como poeta, podemos considerá-lo um parnasiano, não obstante as notas de Simbolismo e as reminiscências românticas que se espalham por muitos dos seus versos; é que ele, a exemplo de Alberto de Oliveira e de Olavo Bilac, não seguia estritamente os moldes do Parnasianismo francês, marmóreo e impassível. A perfeição formal dos seus poemas, contudo, mais o aproxima da escola de Heredia do que da de Lamartine ou da de Verlaine.

Cultivando com segurança vários gêneros, publicou: *Poemas dos Belos Dias* (1924), *Poesia* (1949), e *Toda a Musa* (1965), de poesia, deixando ainda inéditos os *Poemas dos Dias Idos*; a *História do Ceará,* editada em São Paulo (1931); *O Soneto* (1961), ensaio editado no Rio de Janeiro; e *Histórias de Trancoso* (1971), de contos, gênero no qual deixou a publicar *O Cisne de Leda.*

Cruz Filho ocupava na Academia Cearense de Letras a Cadeira n.º 39, que tem como patrono Araripe Júnior.

S. de A.